

Hoje é dia de quebrar coco!

Kelly Almeida de Oliveira

Codó, Maranhão, Brasil

ka.oliveira@ufma.br

Doutora em Educação em Ciências e Matemática

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

<https://orcid.org/0000-0002-9397-3607>

Era uma manhã de sábado, quando a Etnomatemática cruzou a minha vida, atravessando todas as experiências acadêmicas e profissionais anteriores, produzindo afecções profundas para a vida, formação e atuação na Região dos Cacaís, no Maranhão. O ano era 2017. Coordenava o projeto de extensão **EJAI Mulher: a ressignificação dos saberes femininos** em uma comunidade quilombola que objetivava alfabetizar mulheres afrodescendentes. Com a convivência, descobrimos que elas também eram Quebradeiras de coco babaçu.

As aulas aconteciam aos sábados pela manhã na Escola Digna Gonçalves Dias na comunidade quilombola Laranjeiras, município de Aldeias Altas/MA. Chegamos à comunidade por volta das 8h e ao iniciarmos as conversas, perguntei às Quebradeiras se elas gostavam de Matemática e qual sua relação com ela. As respostas formaram um uníssono: “Não, não sabemos matemática”, “Tenho muita dificuldade de colocar no papel”, “Nunca gostei”.

Após um breve diálogo sobre as experiências com a matemática escolar, solicitei a elas que nos ensinassem a quebrar coco. Fez-se um grande silêncio. Todas arregalaram os olhos e ficaram surpresas com a ousadia da proposta. A partir daquele momento, elas seriam as nossas professoras. Logo, o espanto deu lugar a um frenesi sobre como aquilo aconteceria. Uma das mais idosas e artesã do grupo pulou à frente, prontamente, e ofereceu a própria casa para a sala de aula improvisada.

Rapidamente, juntamos os cadernos, atravessamos o campo de futebol, que fica no centro da comunidade, e fomos em direção oposta à escola. Chegando lá, nos “agasaíamos” para a experiência inédita. Aos poucos, chegaram as crianças das casas

vizinhas e o alvoroço foi completo. Diante dos olhares curiosos, exclamei: “A nossa aula vai ser diferente. Seremos as alunas e vocês, as professoras. Hoje é dia de quebrar coco!”.

Adentramos à casa de taipa, construída com paredes de barro, coberta com palhas de babaçu e chão batido. Arrumada com muito zelo, era aconchegante, agradável. Sentimos o contraste de temperatura de imediato. Fomos ao quintal, pois precisávamos de mais espaço e onde o “monte” de cocos estava mais próximo. Alguém trouxe um saco de fibra. A preocupação era a de que as professoras não sentassem no chão. Poderia sujar. Aos gritos, pediram um machado emprestado e afiado. As Quebradeiras mais experientes, estavam descrentes de que algo assim pudesse dar certo, uma vez que são necessários muitos anos de prática para exercer o ofício de Quebradeira de coco. Contudo, o temor maior era de que alguém pudesse sair dali com um dedo cortado. Seria uma tragédia e o fim da experiência pedagógica.

A inabitual turma era composta por mim e por mais três monitoras, estudantes de Pedagogia da UFMA de Codó/MA. Nenhuma de nós nunca tinha quebrado um coco babaçu na vida. Éramos totalmente leigas no assunto. Diante da nossa inexperiência total, as Quebradeiras começaram a se organizar para nos ensinar. Um passo-a-passo logo foi elaborado e a sequência didática dava as nuances para uma cartilha de alfabetização sobre a Pedagogia dos Cocais.

Elas iniciaram a aula com demonstrações do processo. As Quebradeiras indicaram como posicionar o corpo, modulando a força para golpear o coco e a delicadeza para segurá-lo a fim de evitar ferir-se. À medida que as cascas iam desprendendo-se, revelavam as camadas do coco até chegar às amêndoas. Cada golpe era seguido por orientações sobre o procedimento.

As Quebradeiras orientavam como calcular a força, a distância e a quantidade de golpes necessários, sinalizando o lugar que o corpo ocupa e como ocupa no espaço. A forma como explicaram a tica (quebrar), sobre a matema (Saberes do coco babaçu), baseada em sua etno (Quebradeiras de coco) revelou uma linguagem diferente daquela que conhecíamos nos bancos escolares, acadêmicos e profissionais. Ao tempo, faziam

cálculos mentais de quantos litros de coco cada uma quebrava por dia (massa); quantos litros de coco (massa) eram necessários para produzir um litro de azeite (volume). Ideias matemáticas em profusão. Naquele momento, os olhos esbugalhados eram os nossos: quanta matemática!!!

Após as demonstrações, decidimos a ordem em que cada uma exerceria a tarefa. Fiquei por último, para tentar compreender o que estava acontecendo diante dos meus olhos. Extasiada, via mulheres sábias da tradição oral, guardiãs de saberes pluriétnicos e ancestrais. Enquanto as monitoras ouviam e tentavam executar os movimentos, os erros eram corrigidos e os acertos, comemorados.

Resultado: levamos, em média, três minutos para extrair uma amêndoa. O que para as Quebradeiras nos faria morrer de fome. Nossa inaptidão para o ofício apareceu, demonstrando nossa fragilidade ao aprender. Algo que não nos constrangia, mas nos fazia aprender mais do que ensinar. Quando alguém concluiu: “A mesma dificuldade que elas têm ao quebrar o coco, é a dificuldade que temos com o computador”, demonstrou para nós a necessidade de buscarmos a alteridade de saberes em comunidades tradicionais e que a Etnomatemática é uma forma de diálogo, pela qual podemos acessá-los, compreendê-los, valorizá-los e difundi-los.

A experiência de quebrar coco, pela primeira vez, foi para mim, algo desterritorializador. Naquele momento, ignorava o fato de pertencer a uma família de pessoas Quebradeiras de coco, mas já sentia que algo começava a mudar dentro de mim e que um caminho começava a se abrir porque recordava das palavras da amiga Madu, quem me interpelou, pela primeira vez: “Por que você não estuda a Etnomatemática com as Quebradeiras de coco?”.

Com isso em mente, gravamos aqueles momentos, discutimos e planejamos as atividades das aulas seguintes, comprovando que as Quebradeiras sabem matemática. Elas possuem sua própria forma de matematizar o babaçual e sua relação com ele. Tornar isso conhecido, descolonizando suas mentes, proporcionou empoderamento, emancipação e a ressignificação dos saberes dos saberes femininos para elas e para nós.

Foi assim que a inversão de papéis, em uma aula inusitada, desencadeou uma série de emoções, conhecimentos, afecções e expectativas em um dia quente de julho sobre o **saber quebrar coco** e a **Etnomatemática**.

Hoje é dia de quebrar coco!

Today is the day to crack coconuts!

¡Hoy es el día de romper cocos!

Resumo

O presente texto compõe o relato de uma professora extensionista que se encontra com a Etnomatemática em uma aula com Quebradeiras de coco da comunidade quilombola Laranjeiras, município de Aldeias Altas/MA. Em meio a processos de alfabetização e letramento, as Quebradeiras de coco assumem o papel de professoras, por um dia, para ensinar a quebrar coco. Durante a aula, os conhecimentos matemáticos das Quebradeiras são revelados, de modo a lhes proporcionar empoderamento, emancipação e ressignificação de saberes multiétnicos e ancestrais.

Palavras-chave: Quebradeiras de coco. Etnomatemática. Comunidade Quilombola. Quebrar coco. Saberes multiétnicos e ancestrais.

Abstract

This text is the account of an extension teacher who encounters Ethnomathematics in a class with coconut breakers from the Laranjeiras Quilombola community, in the municipality of Aldeias Altas/MA. In the midst of literacy and literacy processes, the coconut breakers take on the role of teachers for a day to teach how to break coconuts. During the class, the coconut breakers' mathematical knowledge is revealed, in order to provide them with empowerment, emancipation and a new meaning of multiethnic and ancestral knowledge.

Keywords: Coconut breakers. Ethnomathematics. Quilombola community. Breaking coconuts. Multiethnic and ancestral knowledge.

Resumen

Este texto es el relato de una profesora de extensión que encuentra la Etnomatemática en una clase con rompedores de cocos de la comunidad quilombola de Laranjeiras, en el municipio de Aldeias Altas/MA. En medio de los procesos de alfabetización y lectoescritura, los Rompedores de Cocos asumen el rol de maestros, por un día, para enseñar a romper cocos. Durante la clase se revela el conocimiento matemático de las Quebradeiras, con el fin de brindarles empoderamiento, emancipación y resignificación de conocimientos multiétnicos y ancestrales.

Palabras clave: Rompedores de coco. Etnomatemáticas. Comunidad Quilombola. Romper el coco. Saberes multiétnicos y ancestrales.